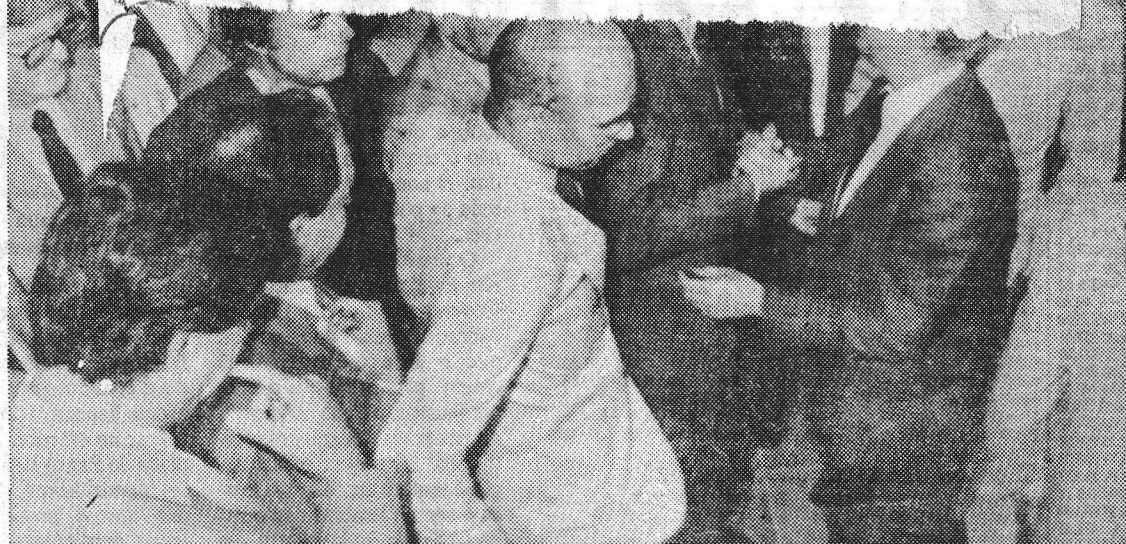


Funaro adverte que não se deve

São Paulo/Foto de Isaias Feitosa

sábado, 26/10/85 □ 1º caderno □ 15

temer o crescimento



A homenagem dos empresários a Funaro lembra os tempos do Ministro Delfim

São Paulo — O Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, considera um erro desaquecer a economia só porque está ocorrendo uma expansão maior do que a prevista. Contrariando afirmações de diversos empresários nesse sentido, ele alertou que o aquecimento atual se deve não apenas ao aumento real de salários, não havendo razão para se temer que a inflação recrudesça por aumento exagerado de demanda.

Funaro manifestou sua posição, em entrevista, pouco depois de ser homenageado por cerca de 1 mil empresários durante almoço no Clube Atlético Paulistano, onde muitos manifestavam temor em relação às pressões por aumentos reais de salários e o crescimento exagerado da economia. Em seu discurso, o Ministro anunciou que, com a queda de juros já verificada, haverá uma redução do déficit financeiro do setor público da ordem de Cr\$ 15 trilhões em 1986. O almoço do Ministro com os empresários lembra os velhos tempos da gestão do Ministro Delfim Netto.

Ao ser homenageado por nove associações de classe empresariais — entre elas a Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP), coordenadas pela Associação Brasileira da Indústria de Plástico (Abiplast) — Funaro considerou ser um erro desaquecer a economia, “que está resolvendo por si própria os seus problemas”. Segundo ele, essa expansão maior do que a prevista não se deve unicamente a aumentos reais de salários, mas também aos aumentos semestrais menores da casa própria, permitindo um maior desafogo entre mutuários, que estariam consumindo mais.

O Ministério da Fazenda, observou Funaro, está acompanhando com cuidado o aquecimento da economia, constatando “ser uma onda inicial e não um choque sucessivo de ondas de demanda”, que poderia elevar a inflação. Ele acredita que o crescimento ficará dentro do previsto porque a relação salários e preços está diminuindo, pois anteriormente vários preços estavam congelados. Os empresários estão temerosos, segundo ele, porque o mercado não está acostumado a trabalhar com estoques em consequência dos juros altos. Assim, por não terem grandes estoques, temem que a procura de produtos possa levar a um aumento da inflação.

Pressões

Em seu discurso, diversas vezes interrompido por aplausos, Funaro destacou

que, através do aquecimento da economia, aumentam as receitas governamentais, o que diminui “requerimentos de medidas fiscais adicionais, como as sempre exigidas pelos programas de ajustamento do FMI”. O Ministro, de improviso, revelou que, em conversas com técnicos do FMI, foi-lhe sugerido avanços fiscais que representariam um crescimento de 50% sobre os níveis atuais.

O Ministro estima que serão arrecadados de Cr\$ 350 trilhões a Cr\$ 380 trilhões no próximo ano. Tentando tranquilizar a expectativa em relação ao “pacote” econômico a ser apresentado, ele informou que o aumento de impostos para pessoas físicas e jurídicas deverá representar menos de 10% desse valor a ser arrecadado. A tabela de impostos, destacou Funaro, não punirá os assalariados, a não ser aqueles com salários mais altos, que “pagarão um pouco mais”.

Referindo-se à queda das taxas de juros, Funaro lembrou que elas estão em 16,98% para as ORTN em outubro, enquanto em setembro foram de 17,35% e, em agosto, de 20,60%. As taxas de LTN caíram de 12,08% em setembro para cerca de 10% ao mês no último leilão, realizado no dia 23 deste mês. Essa queda, de acordo com ele, representará uma redução do déficit financeiro do setor público, no próximo ano, de Cr\$ 15 trilhões.

Ainda em seu discurso, o Ministro reafirmou o decidido apoio do Governo ao setor exportador e à continuidade da redução das taxas internas de juros para que a retomada do crescimento seja liderada pela iniciativa privada. Ele também reiterou a “disposição intransigente” do Governo em combater as desigualdades sociais com apoio aos programas de alimentação e abastecimento, bem como aos serviços essenciais de saúde, educação, habitação e saneamento.

O Ministro foi saudado, no encontro, pelo presidente da FIESP, Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho, e pelo presidente da Abiplast, Feres Abujamra. Bueno Vidigal lembrou que, hoje, faz dois meses que Funaro assumiu o Ministério e que ele tem grandes desafios mas “quem o conhece, sabe de sua capacidade de enfrentá-los”.

Ao participar do III Congresso Brasileiro de Fundação, no final da tarde, Funaro informou que um dos itens prioritários do Governo é o processo de desenvolvimento tecnológico. O primeiro passo para a modernização do parque industrial é a definição de uma política industrial, que está sendo debatida. Na terça-feira, o Ministro deverá participar de um encontro na FIESP, para discutir o tema com empresários.

Sarney optou pela expansão

Brasília — “Quando assumi o Governo me disseram que eu deveria usar medidas drásticas para levar a inflação a zero. Tentaram me induzir ao continuismo, continuar na recessão, parar de crescer, diminuir o crédito, achatando os salários”, confessou ontem o Presidente José Sarney para milhões de ouvintes de todas as rádios do país. Disse que recusou esse caminho por não considerá-lo “justo”.

O Presidente inaugurou no programa “A Voz do Brasil”, da Empresa Brasileira de Notícias (EBN), a série de entrevistas que dará para todo o país, “sempre que houver necessidade”. O tema escolhido para seu primeiro pronunciamento foi “a inflação”, o mais enfocado nas milhares de cartas que diariamente chegam ao Palácio do Planalto.

MELHOR CAMINHO

Em linguagem “simples e direta”, como o próprio Presidente a classificou, Sarney disse que todas as pesquisas de opinião pública indicam que o maior problema do povo é a inflação, o custo de vida. “Os preços sobem e o poder de compra dos assalariados diminui”, falou o Presidente, acrescentando que “os ricos podem se defender da inflação, mas os pobres não”.